

## Projeto Arte em Trânsito: uma estratégia para formação cultural e artística de estudantes

*“Arts in Transit” Project: a strategy for cultural and artistic training of students*

Andréa Senra Coutinho<sup>1</sup>

### Resumo

O projeto Arte em Trânsito (Colégio de Aplicação João XXIII- UFJF) tem o propósito de promover entrelaces possíveis entre arte, estudantes, docentes, artistas e acadêmicos, evidenciando a importância da arte como área de conhecimento fundamental para a formação humana. Põe em destaque o papel do/a professor/a e do/a artista como mediadores/as nos processos de inserção e apropriação artístico-cultural de estudantes, através de intervenções e exposições que ocorrem dentro dos espaços do colégio. A difusão e a recepção de proposições da arte contemporânea são cruciais no ambiente escolar, se há uma pretensão de contribuir na formação de um público que, sendo informado, consiga acessar as proposições visuais da atualidade. A questão da educação cultural e artística de estudantes perpassa pela necessidade de se encontrar estratégias eficazes que possam trazer esse público para perto das artes.

### Abstrac

The project “Arts in Transit” (from Colégio de Aplicação João XXIII) aims to promote possible interweaving among arts, students, teachers, artists and academics, highlighting the importance of art as a fundamental knowledge area for human development. It emphasizes the role of the teacher and of the artist as mediators in the processes of insertion and of artistic and cultural appropriation of students through interventions and exhibitions that take place within the school spaces. The dissemination and reception of contemporary art proposals are crucial in the school environment, if there is an intention to contribute to the formation of a public that, being informed, get access today's visual propositions. The issue of cultural and artistic students' education permeates the need to find effective strategies to bring this public closer to the arts.

**Palavras-chave:** Escola. Arte contemporânea. Formação artístico-cultural.

**Keywords:** School. Contemporary art. Artistic and cultural training.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Criança, na área de Comunicação Visual e Expressão Plástica pela Universidade do Minho (PT). Professora de artes visuais do Colégio de Aplicação João XXIII- Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. andreasenra67@gmail.com

## 1. Fundamentos e motivações

A difusão e a recepção de proposições da arte contemporânea são cruciais no ambiente escolar, se há uma pretensão de contribuir na formação de um público que, sendo informado, consiga acessar as proposições visuais da atualidade. A questão da educação cultural e artística de estudantes perpassa pela necessidade de se encontrar estratégias eficazes que possam trazer esse público para perto das artes. Dessacralizar o objeto artístico, retirando-o dos espaços oficiais como museus e galerias, e fazendo dessas múltiplas manifestações artísticas, não mero espetáculo restrito a poucos/as, sobretudo percursos acessíveis de recepção, é um desafio da escola atual e em especial, do ensino de artes.

Logo, é preciso pensar em estratégias didáticas que sejam capazes de lançar algumas pistas e bases norteadoras que auxiliem o alunado na efetivação de alguns processos de compreensão e assimilação da produção contemporânea. Destacando as poéticas que avançam para além da visualidade contemplativa, pois irão requerer outras análises que não estão pautadas apenas na capacidade de visão.

Neste ponto da discussão, pode-se pensar na escola como possível lugar de difusão e compartilhamento da produção contemporânea?

É fato que os espaços culturais lançam cada vez mais projetos interessados em atender um número crescente e diversificado de visitantes, de todas as faixas etárias, com o intuito de diminuir as distâncias entre público e arte. Oportunizam experiências estéticas mais prazerosas e de compreensão no contato com as proposições artísticas expostas. Seguindo este raciocínio e criando uma interface comparativa com o contexto escolar, é preciso problematizar qual tem sido o papel educativo do ensino de arte na formação dos estudantes como público e de que maneira as práticas têm se apresentado no sentido de preparar cada vez mais e melhor alunos/as para esses momentos. É preciso pensar em projetos pedagógicos nas escolas que visam à inteligibilidade, objetivando uma recepção minimamente satisfatória de proposições artísticas contemporâneas.

Inspiradas por todas essas inquietações, professora Renata Oliveira e eu elaboramos, coordenamos e executamos um projeto de extensão chamado Arte em Trânsito<sup>2</sup>, onde assumimos uma atitude investigativa, inquieta e curiosa (Martins & Picosque, 2012). Essa

---

<sup>2</sup> O Projeto Arte em Trânsito: Colóquio e Mostras Culturais foi implantado em 2011. Tem o apoio do PAEP-CAPEs.

atitude significa a de se envolver com os assuntos da arte e de outras áreas. Esta preparação é fundamental e indispensável, pois o/a profissional também precisa viabilizar em si mesmo/a as possibilidades de travar contato com as experiências das artes visuais na atualidade. Precisa realizar em si mesmo/a uma formação para a legibilidade, antes mesmo de propor qualquer atividade que envolva este conhecimento. Esta preparação precisa ser contínua, no fluxo da dinâmica e da rápida expansão em que se apresenta a arte contemporânea. O docente precisará promover um mergulho pessoal na arte contemporânea, correr os riscos ao se deparar com proposições provocativas, se desarmar e acionar continuamente sua curiosidade e ousadia diante do inesperado, do incrível, do improvável. Como diz Tourinho (2005, p.113), “aprender arte é necessário e exige persistência, consistência, determinação e competência. Exige integrar o lúdico e o imprevisível contrariando a lógica comum da escolarização”.

Ao elaborar projetos pedagógicos que estejam focados na recepção, divulgação e compartilhamento da produção contemporânea junto dos estudantes, como percurso didático desejável, não se pode desconsiderar a importância de uma formação docente que dê conta desse empreendimento, visto que, segundo Loponte (2011, p. 9) “o modo de narrar que emerge da arte contemporânea exige outras expectativas em relação às exposições de arte, outra geração de curadores, outros espaços museológicos e, sem dúvida nenhuma, outra geração de docentes”.

Além do mais, a arte contemporânea é formada por narrativas de toda índole transformadas em soluções plásticas, audiovisuais, performáticas, não convencionais. São proposições impregnadas de dispositivos problematizadores da própria arte e da própria vida. Podendo servir como gatilho para acionar várias discussões de caráter educativo. Podendo também promover uma rediscussão sobre o próprio sistema convencional de ensino de arte e gerar reflexões importantes para se pensar a formação e a atuação do docente.

É importante para esta discussão, compreender que as abordagens contemporâneas, adotadas por nós, para o ensino de arte consideram a arte como cultura, o que exige uma contextualização histórica, um aprendizado da gramática visual e dos conceitos embutidos em obra que propiciem a recepção das proposições com base na própria elaboração e construção das obras. Sendo assim, “ensinar arte é uma tarefa extremamente complexa, porque lidamos

com questões materiais, instrumentais e conceituais do que seja aprender e ensinar arte, do que seja a própria questão da área do conhecimento arte [...]” (PIMENTEL, 2009, p.177).

## 2. Projeto Arte em Trânsito

O projeto Arte em Trânsito<sup>3</sup>, realizado nos espaços do Colégio de Aplicação João XXIII – UFJF (Minas Gerais) tem o propósito de fazer transitar a reflexão e a produção no território da arte e da educação, a partir de uma proposta que envolve a produção artística de alunos, de artistas e a formação docente. Estabelece diálogos com diversos segmentos da sociedade, sobretudo aqueles decorrentes de experiências artístico-estéticas, docentes e da pesquisa acadêmica que, ao serem integrados, formaram um conjunto de atividades que têm o conhecimento arte como epicentro.

Entre as ações que foram organizadas para alcançar as metas desse projeto estão a realização de um colóquio com mesas de debate e palestras, contando com a participação de pesquisadoras/es importantes nas áreas de arte, educação e afins. São apresentados comunicações e relatos que visam ampliar e aprofundar o debate acerca da arte em articulação com demais áreas de conhecimento. Outras ações buscam a participação do corpo discente do colégio por meio de suas produções inventivas e culturais em exposições, exhibições e apresentações. Há também um intercâmbio estabelecido entre artistas da cidade/região com a comunidade escolar. Sendo essa a ação que esse relato põe em destaque, ou seja, a que envolve a participação de artistas convidados, que tem como objetivo maior transformar o espaço escolar num território expositivo da arte contemporânea, proporcionando ao alunado um contato visual e palpável com proposições artísticas.

Em sua 1ª edição/2011, o projeto contou com a participação do artista Fabrício Carvalho e dos bailarinos René Loui e Jéssica. Carvalho elaborou uma instalação no hall de estrada da escola, enquanto René e Jéssica realizaram uma *performance* nos corredores.

Fabrício Carvalho é professor assistente do Instituto de Artes e Design (UFJF) e participou de inúmeras exposições individuais e coletivas, sendo premiado em algumas delas. O artista vem trabalhando a partir de restos, principalmente de objetos do mobiliário

---

<sup>3</sup> Para maiores informações e acompanhamento das ações do projeto, acesse o blog: <http://arteemtransito.wordpress.com/>

doméstico: pedaços de cadeiras, armários, mesas e outros, com interesse especial para os objetos de madeira. Segundo o artista, os restos vêm de uma condição transitória, do não pertencimento a um lugar definido. Geralmente objetos que fizeram parte de um ambiente íntimo, particular, específico e que se encontram abandonados em “qualquer lugar”, fora de seu lugar de pertencimento. Seu interesse é quando e como estes restos de objetos podem dizer algo sobre o que geralmente nomeamos “espaço”. Os trabalhos ao serem recolocados, acabam por questionar as propriedades dos lugares onde se instalam, através de construções, instalações e intervenções em locais fechados (galerias) ou abertos (ruas, praças, etc.).

No trabalho desenvolvido nesse projeto, Carvalho pretendeu, inicialmente, trabalhar com fragmentos de objetos já excluídos do convívio das salas de aulas e corredores: quadros, carteiras e mesas quebradas, guardadas em um depósito, que seriam utilizadas para construir uma intervenção no espaço de convívio do colégio. Mas, devido a um imprevisto, estes objetos foram jogados fora pelo serviço de limpeza. Dessa forma, um conjunto de carteiras que estava abandonado no subterrâneo de um palco da instituição, foi deslocado para hall de entrada, principal acesso de alunos e professores.

O lugar é formado por uma escada e um patamar, fechado com um portão, de onde se tinha uma vista da cidade que fica abaixo colégio. O lugar é transitório por natureza, porque ali os sujeitos fazem uma primeira passagem da rua para o interior do prédio. Aquele trecho é um percurso entre o fora e o dentro da escola.

O desafio para o artista foi criar algo com materiais que pertencessem à parte interna do colégio (carteira e giz), mas que fizessem referência ao lado de fora (casas e prédios nas ruas da cidade). A instalação foi construída, então, com as cadeiras viradas de pernas para ar, como se tivessem sido amontoadas ali provisoriamente, formando um terreno onde foram construídas pequenas torres, empilhando um giz sobre o outro em alturas diferentes, nas pernas das carteiras. A proposta foi criar com estes elementos uma espécie de paisagem, ou, pelo menos algo que conversasse com os processos geradores da paisagem urbana: construção e destruição.

A construção foi realizada por Carvalho e a desconstrução fez parte da ação de vários alunos e alunas que por ali passaram e, instigados pela instalação e no reconhecimento do

material usual no cotidiano das salas de aulas, acabaram por retirar alguns elementos. A curiosidade, a inquietação e vontade de interferir no trabalho geraram no alunado uma participação não programada inicialmente, mas bem recebida pelo artista.

Ao ser consultado posteriormente sobre as suas impressões acerca da participação nossa proposta pedagógica, o artista Fabrício Carvalho revelou:

Eu nunca tinha feito um trabalho como artista em uma escola, portanto estava despreparado para isso, o que é muito bom. Coincidiu que eu não estava preparado para exercer uma série de outras coisas que foram aparecendo desde então e que estão muito conectadas: passei atuar mais efetivamente como professor universitário, me tornei aluno de um programa de pós-graduação, sou pai, e ainda me considero um aspirante a cidadão (isto é, o modo como as pessoas se comportam no espaço urbano me incomoda). Desde a realização deste trabalho tenho ficado mais inquieto com certa necessidade, exigência ou vocação de alguns lugares para propor proibições, impor limites, estabelecer o regular, o cotidiano, o habitual. E neste trabalho pude perceber materialmente a escola como um destes lugares. Questões já bastante recorrentes, mas sempre as mesmas, como a coisa do espaço e do tempo, das regras, enfim acho que o trabalho trouxe à tona alguma coisa que estava submerso ali. [...], mas a minha intenção quando atuo como artista num lugar como este é de tentar mexer com as questões que já estão aí. [...] a minha questão, no momento, é lidar com o ordinário, tentando destruir sua aparência, trocando as mesmas coisas de lugar, ou mostrando os mesmos objetos de outro modo para que possam nos dizer ou revelar algo sobre este lugar, pelo menos até que alguém reestabeleça a ordem.

E quanto ao contato com os estudantes enquanto produzia sua intervenção, o artista relatou:

Sem dúvida o que me chamou mais atenção foi a reação, um gesto de destruição. O trabalho foi produzido sem a presença de alunos, acho que era final de semana. Eram "torres" muito frágeis, construídas com gizes empilhados (e colados) sobre pontas de pernas de carteiras escolares viradas, formando uma espécie de paisagem: uma montanha de carteiras com "prédios" de giz. Lembro-me de termos conversado sobre a questão de colocar ou não uma fita de demarcação para tentar "preservar" o espaço trabalho, prevendo já algum tipo de destruição em função da movimentação das pessoas, já que o trabalho se realizava no hall de entrada. Sei que trocaram os modelos das portas do colégio, mas o acesso anterior era mais complicado, apertado, o que nos levou a colocar a fita no chão, hoje provavelmente não colocaria mais, pois o que eu queria mesmo era um trabalho que gerasse alguma suspensão na experiência daquele espaço, em conflito com os corpos, exigindo outro comportamento. A fita já gerava uma "proibição", que talvez tenha sido um dos motivos que provocou o gesto de destruição. Ou seja, esperava que o trabalho, na sua mistura de delicadeza, estranhamento e precariedade, tivesse uma presença que afetasse os corpos que passassem ali. Queria provocar uma redução, desacelerar um pouco as coisas, pensando na correria que é a movimentação de entrada e saída de alunos num colégio, mas acho que a coisa toda (as carteiras de pernas para o ar, os gizes empilhados e fita demarcando um limite) levou um grupo de alunos a invadir, porque foi uma invasão já que existia um limite, e destruir as construções de giz. "Educação" pra gente tem uma coisa de imposição limites, ainda mais na escola. Talvez se não tivesse esse limite representado pela fita, o trabalho tivesse

"funcionado" melhor. [...] tenho interpretado estas destruições como coautorias, porque o trabalho acontece mesmo nesse desdobramento de um gesto anterior, que apesar de construtivo na maioria das vezes, é antes de tudo uma destruição de uma "plasticidade" estabelecida, uma desorganização de um "ambiente" instituído, uma implicância.

A proposta da *performance* realizada pelos bailarinos René e Jéssica<sup>4</sup> teve como intenção despertar no alunado transeunte durante os intervalos de recreio (turno da manhã e da tarde) para os aspectos subjetivos nos momentos de interação e recepção do espectador/a diante da obra de arte. Segundo os bailarinos a *performance* “Inquietações (entre) espaciais” foi um trabalho que se descobriu a cada passo e para além de uma construção cênica, foi uma alternativa para a manifestação da subjetividade. O trabalho propôs estabelecer múltiplos diálogos entre os corpos observantes e o espaço em que se encontravam, trazendo à cena uma temática poética que transitou entre a suavidade e a tensão, potencializando então as diferentes formas de sentir e instigando cada sujeito de forma singular.

Através de um observar constante das relações existentes entre arte e observador, além de uma busca intensa por estabelecer trânsitos que minimizem os vãos existentes entre o espectador e a arte contemporânea, o trabalho trouxe à tona uma reflexão poética. O resultado se fez por múltiplos corpos incorporados pelos bailarinos, sendo reveladores de sentidos e olhares estéticos diferenciados e questionadores, estreitando assim as relações existentes entre os mesmos.

O trabalho, apresentado nos corredores do colégio, mobilizou o alunado a se perceber também como público, implicado nas produções artísticas em exposição, em condições de usufruir sentindo, percebendo, opinando sobre e com a arte.

Na segunda edição/2012, o projeto contou com a participação do artista e professor Ricardo Cristóforo (UFJF), com a instalação “Objetos à deriva” e da artista performática e professora Priscila de Paula (UFJF) numa construção de um painel “lambe-lambe” que incentivou a participação voluntária do alunado.

---

<sup>4</sup> Loui e Jéssica faziam parte do corpo de ballet do grupo Ekilíbrio Cia. de Dança (Associação Amigos do Ekilíbrio – Dança, Cultura e Cidadania), Juiz de Fora, MG.

Ricardo Cristofaro é artista plástico e, desde 1989, desenvolve pesquisas em história da arte com ênfase em processos e técnicas escultóricas e pesquisas em arte contemporânea com ênfase em poéticas híbridas. Investiga, em sua produção poética, o processo de inserção da arte contemporânea nos espaços públicos das grandes cidades e as conseqüentes mudanças de percepção provocadas pela inscrição destas obras na paisagem urbana. São propostas artísticas que colocam em evidência o conceito de “arte como lugar”. Sendo assim, a obra "Objetos à deriva" foi uma instalação composta por linhas e palavras que pontuavam graficamente o espaço arquitetônico do colégio propondo percursos poéticos por processos de reconhecimento de distâncias, lugares e objetos. Sinalizações e marcações geraram um movimento real e virtual pelos ambientes internos e externos do colégio, convidando o público a refletir sobre a mobilidade dos conceitos e significados.

Já a artista Priscila de Paula investiga diferentes proposições artísticas que interferem no espaço urbano, no corpo, na *web*, na própria linguagem, ou em qualquer espaço que tenha a possibilidade da inscrição artística. Como artista vem produzindo *performances* e intervenções urbanas, participando de festivais, exposições e projetos que envolvam a inscrição como poética.

No projeto “Somos bichos” realizou uma ação coletiva de interferência em um muro de contenção do colégio, tendo como objetivo o de “brincar” com as questões da alteridade. Foram impressos e recortados em papel branco 10 personagens (humanos, extraterrestres, bicharada) divididos em cabeça, tronco e pernas. Os alunos e alunas, espontaneamente ou convidados a participar no momento da ação, puderam misturar as partes dos personagens construindo um mural divertido e plural do ponto de vista imagético.

O artista Ricardo Cristóforo deu sua opinião sobre a proposta do projeto e suas intenções artísticas:

Gostei muito da proposta e da abordagem, pois me interessa pela inserção da arte contemporânea nos espaços públicos e as conseqüentes mudanças que isso gera. São algumas estratégias que tencionam a percepção e o conceito de “arte como lugar”. A percepção da arte na ausência das instituições (museus, galerias de arte, etc.).

Priscila de Paula discorre sobre suas intenções ao realizar uma atividade aparentemente lúdica com as crianças, mas alicerçada por questionamentos e críticas sobre a vida urbana na sociedade contemporânea. A artista explica:

“Somos bichos” foi um projeto criado com base na minha experiência e apresso pelas práticas de intervenção urbana e criação coletiva. O fio condutor de “Somos bichos” é a criação coletiva e anônima de imagens e subjetividades, bem como a possibilidade de trabalhar com sistemas de comunicação espontâneos na cidade e nos espaços públicos.

Atualmente, a convivência quanto à qualidade da informação que circula na cidade contemporânea é extremamente ambígua, no sentido de que ao mesmo tempo em que vemos uma facilidade e criatividade enormes nas imagens e no material cultural que circula - seja oriundo de sistemas oficiais (publicidade, mobiliário urbano, etc.) ou de fontes espontâneas e até mesmo transgressoras (arte pública, grafite, stencil, guerrilla gráfica, etc.) -, o espaço social de trocas e de criação de subjetividades e coletividades ainda continua aprisionado e sufocado pelas modificações que a cidade e a vida urbana vêm sofrendo desde meados do século XX. A exploração do mercado capitalista está cada vez mais interessada no estabelecimento de um espaço urbano onde há uma predominância de carros e espaços de confinamento, o que acaba isolando os sujeitos dentro de si mesmos e em torno de seus objetos.

A ação proposta em “Somos bichos” teve como objetivo mostrar às crianças que a criação pode ser coletiva e que, mesmo anônima, é também produtora de identidades.

Nos anos 2013 e 2014, outros artistas trouxeram suas intervenções e contribuições, a saber, respectivamente: Adriana Gomes (UFJF) e o pintor Petrillo (Hiato- Ambiente de Arte); pintor Gonzaga e o Coletivo Transverso (arte pública).

O Coletivo é formado por artistas que propõem intervenções urbanas utilizando técnicas como o *stencil*, o grafite, o *stiker* e a *performance*. O principal conceito norteador é o de ataque poético, propondo uma reflexão sobre as possibilidades de utilização do espaço público a partir da arte urbana não encomendada, proporcionando uma recepção artística gratuita aos transeuntes em seus caminhos rotineiros. Foram espalhados pelo colégio vários cartazes impressos com frases inquietantes e provocativas criadas pelo grupo.

Outro exemplo interessante foi o trabalho interativo proposto por Adriana Gomes, que utilizou câmeras instaladas em lugares estratégicos no colégio, que capturavam o trânsito de alunos, funcionários e professores pelos corredores e essas imagens eram projetadas dentro de uma sala. Para a artista, o mais interessante no desenvolvimento do projeto “Dentro-Fora” foi a possibilidade de se apropriar de diversos espaços da escola para a intervenção multimídia interativa: a rádio, a sala de dança, o hall de entrada, o jardim lateral, o refeitório dos alunos. Ver os alunos descobrindo o trabalho, através de suas imagens nas câmeras de segurança e poder também conversar com eles, deu ao projeto um caráter de integração, pois

foi criado um sistema que ligava os lados de dentro e de fora da sala projetiva-sonora. Perceber que os alunos entenderam esse conceito foi fenomenal para a artista. Ela comentou

Tive um grande apoio da equipe organizadora, primeiramente na construção da ideia, também na compra dos materiais que eu não tinha, assim como na montagem e no desenvolvimento da interface interativa do projeto no site do evento. Senti-me muito valorizada, como acontece em alguns museus, mas não todos [...]. No colégio, por uma questão de logística relacionada à proteção preventiva dos equipamentos, o trabalho não ficou aberto o tempo todo, e isso, do ponto de vista da artista que levou tempo montando o trabalho e queria vê-lo “vivo”, cria uma frustração. Digo isto do ponto de vista pessoal, porque, do ponto de vista dos alunos, o trabalho estava funcionando [...].

Gomes vem pesquisando o caráter sistêmico da obra de arte contemporânea e percebeu que o convite para criar uma intervenção na escola foi uma oportunidade de mostrar seu trabalho artístico *in loco*, além de fazer do conceito de arte interativa uma vivência concreta e significativa para os alunos.

Nesse ano de 2015, caminhamos para a 5ª edição, nela contaremos com a participação do artista juizforano Afonso Rodrigues em uma retrospectiva de sua produção e da artista fluminense Fernanda Moraes que irá bordar literalmente as escadas que levam para o segundo pavimento do colégio.

### **Considerações finais**

Ao ter ampliada a nossa visão, no que diz respeito aos territórios próprios da arte, seus desdobramentos na contemporaneidade, ter revisado metodologias, métodos, critérios de escolha curricular, possibilidades didáticas, professora Renata e eu partimos para desvendar outros espaços e tempos dentro da escola que também poderiam ser dedicados ao ensino de arte. A busca foi por maiores condições de perscrutar e ousar outros modos de fazer chegar ao alunado as experiências estéticas e artísticas da atualidade. Ressignificando outros espaços como pátios, corredores, áreas de circulação, escadarias, entre outros, transformando-os, mesmo que temporariamente, em nichos que possam abrigar as manifestações da arte, com objetivo de promover um ensinar/aprender arte de modo significativo para os estudantes, criando alternativas de aproximações palpáveis entre crianças/jovens e a arte contemporânea.

As intervenções e os depoimentos dos artistas entrevistados reafirmam a indispensável presença da arte na escola e corroboram outros modos de gerar aprendizagem a

partir do contato entre público infantil e juvenil e a arte contemporânea, tendo professores/as e artistas como mediadores/as de outros modos de ensinar, ver e vivenciar a arte. São trajetórias que visam garantir a sobrevivência do ensino de arte na dinâmica escolar cotidiana, que ao mesmo tempo em que se desdobram em outras estratégias de formação artística e cultural, permitem uma repaginação daquilo que entendemos como ambiente de escolarização, a despeito de suas normatizações, hierarquizações e condicionantes. São experiências pedagógicas que colocam em xeque os estereótipos da tradição pedagógica, de escola e seus aparatos, os da própria arte tradicional e metodologias de ensino convencionais. Ao mesmo tempo em que proporciona aos estudantes (e comunidade escolar) oportunidades de viver a arte em seu fluxo criativo, o que de outro modo não seria possível.

Os entrelaces estabelecidos pelo projeto Arte em Trânsito, que envolvem arte, estudantes, docentes, demais membros da comunidade escolar, artística, acadêmica e do meio social em geral, levam a refletir sobre a importância da arte como área de conhecimento fundamental na formação humana, evidenciando o papel do/a professor/a como provocador/a criativo, um/a mediador/a necessário/a nos processos de inserção e apropriação artístico-cultural de estudantes.

## Referências

- LOPONTE, Luciana G. Desafios da arte contemporânea para a educação: práticas e políticas. In: **4º SBECE- Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**, Canoas, RS. Conferência. Canoas: ULBRA, 2011.
- MARTINS, Celeste M.; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.
- PIMENTEL, Lúcia. Formação de professores de arte: novos caminhos. In: RIBEIRO, José Mauro B.(org.). Trajetórias e políticas para o ensino das artes no Brasil. **Anais do XV Confaeb**. Brasília: MEC, 2009.
- TOURINHO, Irene. Perguntas que conversam sobre educação visual e currículo. In: OLIVEIRA, Marilda O.; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.